

## A LITERATURA E O CINEMA NAS ABORDAGENS DA GEOGRAFIA CULTURAL

### **META**

Fazer o aluno compreender como podemos abordar a literatura e o cinema nos estudos de geografia cultural.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

ser capaz de justificar como podemos estudar a literatura e o cinema sob um prisma geográfico.

Demonstrar como diversos geógrafos abordaram a temática e quais contribuições foram oferecidas à geografia cultural.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Aula 09.

### INTRODUÇÃO

Caro aluno, enfim chegamos ao término de nossas abordagens temáticas da geografia cultural. Reafirmamos aqui que essas temáticas, vistas nas últimas aulas, são apenas uma parte do que pode ser estudado pela geografia.

Vários temas podem e devem ser abordados pelos geógrafos. Temas esses que obrigatoriamente reflitam a cultura de uma sociedade, que ilustrem como esta se relaciona com o meio em que vive.

Por muito tempo os geógrafos culturais se prenderam aos aspectos físicos das culturas (as técnicas e seus instrumentos). Com as novas contribuições da geografia cultural renovada e da geografia humanista, os aspectos como os sentimentos dos homens também tornaram objetos de estudo para os geógrafos.

Veremos nesta aula como podemos selecionar obras literárias e filmes para podermos compreender como uma determinada sociedade se relaciona com seu espaço. Várias abordagens podem ser feitas a partir de um mesmo texto ou roteiro, bastando para tanto serem feitas sob uma ótica geográfica.

### GEOGRAFIA E LITERATURA

Cada vez mais a geografia tem utilizado em suas pesquisas sobre o espaço geográfico, temas como música, artes, cinema e literatura. Através de obras literárias, podemos focar nossa análise no seu aspecto espacial e ver nelas retratados aspectos de interesse geográfico, como as diferentes paisagens de um país, seus aspectos naturais, sociais e culturais.

Acreditamos que a literatura contribui com suas obras espacializadas para o entendimento das lógicas do espaço geográfico. Ao retratar o espaço vivido, a paisagem, os modos de vida e o cotidiano das pessoas, a literatura torna-se um meio de investigação fascinante para os geógrafos compreenderem as relações entre a sociedade e o meio em que vivem.

### A LITERATURA COMO OBJETO PARA OS GEÓGRAFOS

Embora o interesse dos geógrafos pela literatura não seja recente, foi somente no final da década de 1970 que os estudos se intensificaram, sob uma forte influência da geografia humanista anglo-saxã.

A geografia humanista que sugeria obras literárias como fonte de pesquisa para os geógrafos, surgiu no início da década de 1970, em reação (e oposição) à geografia quantitativa. Inspirados pela fenomenologia, os geógrafos que promoveram o uso da literatura afirmavam que esta poderia servir de fonte aos estudos geográficos na medida em que ela podia ser reveladora da personalidade dos lugares.

Eric Dardel, em sua obra *O homem e a Terra*, citou diversas vezes vários poetas, que souberam exprimir melhor que muitos o sentimento de “geograficidade” por ele desenvolvido. Na França este geógrafo foi um dos principais estimuladores, junto com Armand Frémont, do uso de obras literárias nas análises geográficas.

Os geógrafos podem, assim como os historiadores fazem, utilizar em suas pesquisas fontes literárias para nelas encontrar informações sobre lugares ou épocas passadas. Para compreendermos o nosso espaço geográfico hoje, precisamos conhecer o que nele ocorreu no passado, e as obras literárias podem contribuir para este conhecimento pretérito.

Nos relatórios de viagens e nos romances, temos como pano de fundo um espaço onde a trama se desenvolve. É justamente esta espacialidade que vai servir de análise para o geógrafo cultural. Temos que primeiramente focar apenas nas relações entre o homem e seu espaço vivido para fazermos uma abordagem geográfica da obra.

A contribuição dos romances nos estudos geográficos reside no fato que neles podemos destacar a “personalidade” do espaço, que muitas vezes não é retratado nos textos acadêmicos de geografia.

Embora a obra possa ser uma ficção e os elementos espaciais destacados são frutos de uma escolha pessoal (do autor da obra), devemos dar credibilidade às relações homem-natureza nela descrita. Evidentemente, para termos uma maior certeza da veracidade do que esta sendo exposto na trama, devemos certificarmos se o autor realmente viveu no espaço que ele descreve. A precisão dos elementos descritos e o sentimento de pertencimento afirmado será maior, quanto maior for a estadia do autor no espaço descrito.

Segundo Marc Brosseau (1996, p. 37), o romance deve ser concebido mais como o testemunho das pessoas “reais” que ele traz para a cena sob a capa da ficção, e não necessariamente como o reflexo fiel de uma realidade geográfica. Neste sentido, o autor do romance é visto como um “porta voz” das pessoas cujos gêneros de vida ele descreve.

## ROMANCES BRASILEIROS E SUAS DESCRIÇÕES SOCIO-ESPACIAIS

Autores como Euclides da Cunha, José de Alencar, Guimarães Rosa e José Lins do Rego deixaram obras fascinante para os estudiosos de geografia cultural. Vários outros romancistas brasileiros contribuíram com suas obras para o estudo geográfico, porém focaremos nossa atenção para esta aula nos romancistas Euclides da Cunha e Graciliano Ramos.

Euclides da Cunha foi o escritor que publicou em 1902 seu romance *Os sertões*. Esta obra retrata a Guerra de Canudos (1896-1897), no interior da Bahia. Carioca de origem, Euclides da Cunha foi enviado à Canudos pelo

jornal Folha de São Paulo, onde presenciou os conflitos e, em seu retorno ao Rio de Janeiro redigiu o romance que ganhou fama internacional.

Euclides da Cunha percebeu em sua estadia de pouco menos de um ano em Canudos, que a sociedade que ali vivia era completamente diferente das que viviam em regiões litorâneas. Em sua obra, percebe-se que ele neste momento descobriu o verdadeiro interior do Brasil, que em muito diferenciava do que ele imaginava.

Sua percepção e posterior descrição de como viviam as sociedades interioranas do nordeste brasileiro, nos servem de apoio na compreensão dos diferentes modos de vida existentes na época: o litorâneo e o interiorano.

O que ficou evidenciado em seu romance, entre outros, foi a desigualdade de distribuição de riquezas entre as cidades litorâneas, desenvolvidas política e economicamente, e as cidade interioranas, onde a população que ali viviam sofriam com a miséria e a fome.

Euclides da Cunha dividiu sua obra em três partes, a saber: A terra, O homem e A luta. Na primeira parte do livro, são descritos os fatores físicos da região nordestina, como o relevo, o clima e a vegetação. Nesta parte ele ilustra o que seria a seca e como era viver com ela, fato desconhecido por grande parte dos brasileiros que vivem fora dessa região.

Na segunda parte, podemos identificar a visão determinista do autor ao julgar que o homem seria produto do meio. O autor deixa transparecer um certo racismo ao evidenciar a superioridade da raça branca em certos trechos. Ainda nesta parte do livro, podemos evidenciar a sua descrição do modo de vida do sertanejo. O autor chega a fazer uma análise da psicologia dos homens sertanejos e dos costumes destes nesta região submetida a secas.



(Fonte: <http://rodrigorasablog.blogspot.com/2010/10/capa-os-sertoos.html>)

Na terceira e última parte do livro, o autor nos relata com clareza e precisão vários momentos da guerra, mostrando as barbáries ocorridas durante este período. Esta descrição feita por Euclides da Cunha pode servir de fonte para os geógrafos compreenderem como as sociedade da época viviam e se relacionavam com o meio. Os gêneros de vida, a paisagem, os sofrimentos e outros sentimentos da sociedade local, entre outros, são aspectos que merecem investigações geográficas.

Outro romancista de destaque na literatura brasileira foi Graciliano Ramos. Nascido no Rio de Janeiro, o romancista viveu parte de sua infância no nordeste brasileiro, principalmente no estado

de Alagoas. Sua obra que merece destaque em nossa abordagem é Vidas secas, onde o autor narra com detalhes os deslocamentos de uma família de retirantes que tenta sobreviver à seca.

Certas passagens de sua obra merecem nossa atenção enquanto geógrafos. Primeiramente quando é descrito as condições naturais desta região, assim como as injustiças sociais as quais são submetidos os retirantes nordestinos.

No enredo do romance, escrito entre 1937 e 1938, temos uma família que se desloca pelo sertão para tentar fugir da seca e da fome, temos a idéia de uma fuga constante. A miséria vivida por esta família é narrada com uma riqueza de detalhes que o leitor sente-se emocionado do início ao fim do romance.

Percebemos na leitura da obra que o homem sertanejo é reduzido à condição de animal, onde os membros da família quase não se comunicam entre si. Vejamos a seguir alguns trechos do romance:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos da catinga rala. (RAMOS, 1996, p.7)

Neste trecho, retirado do parágrafo inicial do romance, podemos imaginar claramente um cenário de seca, com uma família miserável do sertão sendo obrigada a se deslocar para sobreviver. Percebe-se características do meio físico (geomorfologia: na descrição da forma do relevo, climatologia: na descrição de um rio seco, e biogeografia : na descrição da gevegação) e características do cotidiano do sertanejo (ao descrever pessoas infelizes, famintas e cançadas).

Podemos imaginar, ao ler o romance, como o sertanejo se relaciona com o meio em que vive. Quais são seus sentimentos, seus valores e até mesmo as injustiças sociais as quais são submetidos. A linguagem utilizada pelo autor é rude e seca, assim como imaginamos o universo dos personagens da trama.

No trecho que segue, retirado do final do romance, podemos até conceber o imaginário do povo sertanejo, que sonha em fugir do nordeste e migrar para uma cidade grande, onde não falta nada, oposto da realidade à qual eles são condicionados.

E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles, dois velhinhos, acabando-se como uns

cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos. (RAMOS, 1996, p.134)



Os retirantes, de autoria de Cândido Portinari (1944)  
(Fonte: <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/18/a-conquista-do-sertao>)

Nestes dois exemplos acima citados, podemos fazer uma análise geográfica da obra, focando nossa atenção nos momentos descritos onde percebemos uma nítida relação do homem com o meio, seu cotidiano, seus valores e sentimentos.

### A GEOGRAFIA NO CINEMA

Do mesmo modo que podemos fazer análises geográficas de músicas, obras de arte, romances, podemos usar produções cinematográficas para fazermos abordagens e estudos geográficos. Vejamos a seguir três exemplos de filmes brasileiros que retratam o modo de vida sofrido dos nordestinos que convivem com miséria causada pela seca: Central do Brasil, O auto da compadecida, e Eu, tu, eles.

O filme de Walter Salles, Central do Brasil (1998), mostra o drama dos nordestinos que, fugindo da seca, vieram viver no Rio de Janeiro. O filme inicia na Central do Brasil (estação de trem), onde uma mulher trabalha

escrevendo cartas para os nordestinos analfabetos poderem enviar notícias para seus familiares que estão no nordeste.

Na maior parte do filme, podemos apreciar as paisagens do sertão e o modo de vida sertanejo, nas passagens onde a atriz principal conduz um menino nordestino, de ônibus, do Rio de Janeiro até o sertão, local de residência de seus pais. Podemos aí fazer várias análises, sobre como o homem se relaciona com o meio, sobre a religiosidade do sertanejo, entre outras.

O filme *O Auto da Compadecida* (2000), dirigido por Guel Arraes, é uma adaptação cinematográfica de uma peça teatral de Ariano Suassuna. No filme podemos observar como uma sociedade do sertão da Paraíba se relaciona com o meio, assim como os vários tipos de relacionamentos que os membros desta sociedade tecem entre si. As paisagens filmadas nos mostram a vegetação, a arquitetura, organização do espaço ao redor de uma praça central e sua igreja, assim como os costumes locais da sociedade que ali vive. Podemos, a partir deste filme, abordar aspectos sobre a espacialidade de cultura sertaneja, entre outros aspectos geográficos.

Por último, vejamos o filme dirigido por Andrucha Waddington e roteiro de Elena Soares, *Eu, Tu, Eles* (2000). No roteiro podemos ver o sofrimento nordestinos que trabalham arduamente nos canaviais. O enredo mostra o modo de vida desses trabalhadores, como eles constroem suas casas e como os valores amorosos são diferentes. Várias análises geográficas podem ser feitas a partir das paisagens do semi-árido nordestino retratadas no filme.

É preciso ter em mente que as abordagens geográficas dos filmes são bastante variadas. Várias escalas de análise e vários recortes podem ser efetuados, dependendo do objetivo do estudo. O que fizemos aqui, foi ilustrar as abordagens mais elementares (e fáceis) que podem ser feitas por nós, enquanto estudantes de geografia. Alguns estudiosos focam seus estudos por exemplo sobre o simbolismo representado na trama, ou sobre a visão que é retratada sobre o sertão, que pode diferir da realidade.

## CONCLUSÃO:

Conforme visto nessas duas últimas aulas, temas como música, literatura e cinema, entre outros, são abordados em geografia cultural. É preciso ter em mente que nossa abordagem é diferenciada, assim como não podemos trabalhar com qualquer filme, romance ou música. O que nos interessa enquanto geógrafos são as paisagens retratadas, onde temos informações sobre como o homem se relaciona com o espaço retratado.

As abordagens são múltiplas, assim como os temas passíveis de estudos geográficos. Ao acompanhar as novas publicações na área, percebemos como a geografia cultural está em plena expansão dentro da nossa ciência.



### RESUMO

Ao retratar momentos geográficos e históricos, os romances e os filmes contribuem nos estudos de geografia cultural na medida em que descrevem o espaço vivido dos homens, assim como suas características físicas, seus sentimentos, sua relação com o meio, entre outros aspectos culturais.

Vimos nesta aula como foram feitas abordagens geográficas assim como seus principais estudiosos.



### ATIVIDADES

Procure um filme ou um romance que pode ser utilizado na geografia cultural e explique os motivos de sua escolha. Mostre como podemos fazer uma abordagem geográfica do material selecionado.

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O filme escolhido pelo aluno deve obrigatoriamente mostrar como uma sociedade vive e percebe o meio em que vive. As paisagens mostradas precisam ser interpretadas geograficamente, onde veremos as marcas deixadas pelo homem na sua transformação do espaço.



### AUTO-AVALIAÇÃO

Você deverá ser capaz de explicar como a literatura e o cinema podem ser abordados na geografia cultural.



### PRÓXIMA AULA

Término da disciplina!



## REFERÊNCIAS

- BROSSEAU, Marc. **Des romans-géographes**. Paris, L'Harmatan, 1996.
- CARNEY, G. O. Música e lugar. in CORREA, R. L. ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007, p.123-150.
- CORREA, R. L. ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
- CORREA, R. L. ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.
- KONG, L. Música popular nas análises geográficas.in CORREA, R. L. ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, p.129-175.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 1996.